



PAULO DO CARMO MARTINS

AS RAÍZES DO NOSSO LEITE

O escritor e jornalista João Castanho Dias presta um serviço memorável à história do Brasil, ao escrever livros temáticos que retratam, com beleza e rigor intelectual, os fatos marcantes do meio rural brasileiro. Seu trabalho tem sido o de resgatar retalhos do que vai se perdendo com o tempo, neste país ainda sem memória. Em 2006, ele lançou o livro *500 Anos do Leite no Brasil*, uma leitura imprescindível para quem deseja entender as características do setor leiteiro brasileiro.

Segundo Castanho, a pecuária brasileira começou em 1532, quando o português Martim Afonso de Souza aportou no litoral paulista com 32 cabeças de gado, o que causou grande impacto nos índios, que nunca tinham visto animais tão grandes e estranhos. O gado chegou aqui para servir de alimento como carne, e para uso no transporte, viabilizando a interiorização do Brasil, que iria começar. Martim Afonso pensava em produção agrícola, e a prova disso é que ele aqui chegou trazendo ferramentas para plantio, além de mudas e sementes de culturas perenes e anuais, como trigo, laranja, cana-de-açúcar, hortaliças e outras lavouras.

Mas a prioridade não era a produção de alimentos. O ouro, a cana-de-açúcar, o fumo e o pau-brasil eram os produtos de valor econômico que estimulavam a cobiça portuguesa. A pecuária era vista como atividade secundária, a ponto de ter sido proibida, em Pernambuco, nas terras mais férteis. Como constatou Castanho, a pecuária ficou com as piores terras, com gente sem recursos, analfabeta, que não tinha escravos para trabalhar e cujos peões eram índios fugidos da cana e de outras atividades, ou mestiços, ou aventureiros e procurados pela justiça.

Se foi em São Paulo que o gado primeiro aportou, foi na Bahia que tivemos o primeiro produtor e os primeiros consumidores. Castanho descobriu que o primeiro produtor de leite da história do Brasil foi o famoso padre Manuel de Nóbrega. Ele criou uma escola onde ensinava catecismo a indiozinhos da tribo Aimorés. O leite, uma novidade para os índios, era usado para atrair a sua simpatia e atenção. A primeira bacia leiteira surgiu com doze vacas criadas pelo padre, em 1552. O primeiro produtor e os primeiros consumidores, sem querer, deram origem à ideia, por muito arraigada, de que leite é alimento de criança, a ser distribuído gratuitamente à população.

Se produzir alimentos não era prioridade, menos ainda era "tirar" leite. Na verdade, nem o hábito de consumo existia. Foi graças a Napoleão que as coisas começaram a mudar. É que a família Real, fugindo de Portugal para o Brasil, em 1808, trouxe o hábito do consumo regular de leite e derivados. Portanto, embora a Bíblia registre o leite como alimento há 3.700 anos, somente há 203 anos o Brasil teve a notícia de que leite poderia ser consumido regularmente. Para atender ao consumo dos nobres foram surgindo fazendas e fábricas de laticínios estatais. Aí está mais uma marca do nosso setor, sempre dependente de ação de Governo para que novos empreendimentos surjam.

Se, por um lado, o setor de lácteo sempre se mostra dependente do Governo, por outro, esta dependência prejudicou o desenvolvimento do setor ao longo dos anos. O fato é que, desde o seu surgimento, o papel do Brasil no mercado internacional é ofertar matéria-prima e comprar produtos com alto valor agregado. Durante seus primeiros 450 anos o Brasil exportou minerais e produtos agrícolas em grande quantidade. Com os recursos obtidos, comprávamos os produtos industrializados. Este modelo, conhecido como primário-exportador, não criou um país de população rica. E não é difícil entender o motivo.

As explorações de metais preciosos, de pau-brasil e cana-de-açú-

car foram feitas com escravos, que somente tinham o mínimo necessário para se manterem vivos. Quem tinha renda e podia consumir eram os nobres, que eram insuficientes para estimular uma produção local de bens de consumo. Além disso, eles demandavam produtos de elevado padrão, cuja tecnologia de produção era disponível somente nos países industrializados. Assim, sem pagamento de salários, não havia consumo. Sem consumo, não havia produção de bens. Sem produção de bens, tínhamos de importar. Para importar, era necessário exportar produtos primários. Estes tinham pouco valor na origem, mas se tornavam caros após serem transformados nos países industrializados.

O crescimento da importância do café no século passado não mudou esse quadro, pois os trabalhadores não tinham renda suficiente para gerar consumo interno. Portanto, as atividades de mercado interno não mereciam atenção do Governo. As políticas eram, todas, formuladas para atender aos setores considerados prioritários. De 1500 a 1950 foram os produtos exportáveis. A partir daí, foram os produtos industriais.

Voltando a Castanho, no livro ele reproduz um texto muito interessante. Em 1902, o então influente jornal *Gazeta de Notícias* circulou com um artigo do famoso e influente poeta Olavo Bilac, criador da Academia Brasileira de Letras e autor do Hino à Bandeira. Embora o café estivesse em crise em função da redução do consumo mundial, ele atribuiu o momento difícil ao fato de o brasileiro ter começado a misturar leite com o café, em vez de tomar café puro. Segundo ele *"antigamente, o leite era um líquido que servia unicamente para alimentar crianças. Os adultos não tomavam leite (...). Hoje, porém, o abuso toca às raias da pouca vergonha*

(...). O que é preciso é decretar, o quanto antes, penas severas para todo aquele que tomar leite puro ou tomar café com leite! Com estas crises não se brinca. O café é a fortuna do Brasil! O Brasil sem café será um homem sem... ouvido: não prestará para mais nada! E agora, que aí está indicado o remédio, apliquem-no. E se não quiserem aplicar, queixem-se de si... e tomem café com leite!"

Em 2006, como chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, dei apoio institucional para que o livro de Castanho fosse publicado, e seu lançamento foi na solenidade de comemoração dos 30 anos da nossa Unidade de Pesquisa. Tenho comigo a foto de Castanho entregando um exemplar para o ex-presidente Itamar Franco. Meses depois, presenteei o ex-presidente Lula e o ex-ministro Roberto Rodrigues com um exemplar.

O livro de Castanho não cabe neste espaço. Trouxe aqui uns pedacinhos para sua degustação. Precisa, então, ser lido. Também outros dois que ele escreveu merecem sua atenção. No livro *Uma Longa e Deliciosa Viagem* ele retrata a história do queijo brasileiro. É claro que é um livro muito saboroso. Em *O Leite na Paulicéia*, ele conta a trajetória do leite em São Paulo. Pois ele acaba de lançar *A Imprensa Rural no Brasil*, que ainda não li.

Taí uma dica: aproveite que o ano está só começando e comece bem o ano lendo as obras de Castanho, aqui citadas. Lembre-se do ditado popular que diz que da maneira que a gente começa o ano, a gente irá terminá-lo. Vou começar lendo história e cultura do setor que abracei. Vou começar lendo a nova obra de Castanho. Vou começar o ano pelas raízes. Ôpa, o novo ano já começou! Feliz 2012!!!

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, pesquisador da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

O padre Manuel de Nóbrega foi primeiro produtor de leite no Brasil. Distribuía leite aos indiozinhos para atrair a sua simpatia e atenção

ENTREVISTA
JOSÉ QUINTANA
O leite na Argentina e no mundo

IN 51
Qualidade com
novos prazos e
novas normas

BALDE BRANCO

**Indicadores de
gestão ágeis e
objetivos para
quem produz**

**Produtor adota
Girolando 5/8
como referência
no rebanho**

**Silagem de
grãos de aveia:
opção nutritiva
e econômica**

TEMPO DE OPORTUNIDADES

A atividade leiteira no Brasil está diante de boas e oportunas chances no mercado interno e externo. Aproveitá-las ou não depende de ações integradas do setor, cujas decisões vão determinar o avanço ou o recuo do negócio no País